

KAI ΣΥ TEKNON. A correspondência helénica de Brutvs, assassino de César: Primeira tradução em língua portuguesa; reflexões; bibliografia

KAI ΣΥ TEKNON. The Hellenic Correspondence of Brutvs, Assassin of Caesar: First Translation into Portuguese; Reflections; Bibliography

Reina Marisol Troca Pereira¹ 

¹Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (CECH), Coimbra, Portugal.

E-mail: rmtpp@mail.com

Resumo

Definir a autenticidade das 70 epístolas imputadas ao romano Marco Júnio Bruto é uma questão insolvente. A redação epistolar helénica de foro institucional reunida em vários manuscritos revela um estilo discursivo elogiado por muitos. Entre alegados envios e supostas respostas a ordens, solicitações, ameaças, traições, conselhos, desculpas, evidenciam-se amizades e desafetos diplomáticos, escolhas políticas, estratégias bélicas, recursos, alianças de um complexo cenário de povos com os quais o tiranóctono se subscreve. E mais não fosse, uma coloração sentenciosa marcada com tiradas gnómicas perpassa o epistolário aqui vertido pela primeira vez na íntegra em idioma luso. Compete ao leitor hodierno ponderar além de uma suposta historicidade dos escritos ou integrá-los total ou parcialmente no foro ficcionado, enquanto exercícios retóricos de cariz didático, quiçá até panfletário, de datação incerta.

Palavras-Chave

Bruto, epistolografia grega, poder romano, alianças políticas.

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 16/08/2023

Aceito: 17/10/2023

Como citar:

PEREIRA, Reina Marisol Troca. KAI ΣΥ TEKNON. A correspondência helénica de Brutvs, assassino de César: Primeira tradução em língua portuguesa; reflexões; bibliografia. Revista LaborHistórico, Rio de Janeiro, v.9, n.2, e60407, 2023. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v9i1.60407>

Abstract

The purpose of ascribing the authenticity of the 70 epistles imputed to the Roman Marcus Junius Brutus remains an unsolved quest. The Greek letters of an institutional nature written in a style praised by many were gathered in several manuscripts. Between alleged sendings and supposed responses to orders, solicitations, threats, betrayals, advices, excuses, friendships and diplomatic hostilities, the scripts expose political choices, war strategies, resources, alliances of a complex scenario of cultures addressed by the tyrannicide. What's more, a sententious coloring with gnomic aspects adorns the correspondences here rendered for the first time in Portuguese. It is up to the current reader to ponder beyond a supposed historicity of the writings or to integrate them totally or partially in the fictional category as rhetorical exercises of a didactic nature, perhaps even politically motivated, of uncertain date.

Keywords

Brutus, pseudepistolography, Roman power, political alliances.

ΚΑΙ ΣΥ ΤΕΚΝΟΝ

Bruto, Epístolas

Ἰδέλιδι καὶ τῷ Μανουήλῳ εἰσαεῖ·

Prolegómenos

Καὶ σὺ τέκνον (Suet. *Iul.* 82.2) – vocábulos nunca ouvidos, quiçá tampouco proferidos pelo *dictator perpetuo* César moribundo¹ na direção do seu pretense filho (Plu. *Brut.* 5.2) Marco Júnio Bruto, nos idos de março² de 44 a.C. Nos últimos anos, a República Romana tardia experimentava severas conturbações político-sociais decorrentes da falência da aliança política dos *tria nomina*³ de 60 a.C.: uma vez morto Crasso (53 a.C.), agudiza-se a tensão entre César e Pompeu, que convence a ala conservadora do Senado a exigir, uma vez findas as Guerras Gálicas (58-50 a.C.), o regresso de Gaio Júlio a Roma e despesa do contingente militar. Em 49 a. C., César, todavia, ultrapassa a fronteira da Gália Cisalpina (rio Rubicão), com a

¹ Cf. *At tu, Brute*, SHAKESPEARE, *Julius Caesar*, ato 3, cena 2.

² Segundo o calendário romano, nos meses maiores primitivos (março, maio, julho, outubro), os idos correspondiam ao dia 15.

³ *Cic. Att.* 2.9.2.

Legio XIII Gemina, insurgindo-se assim contra o Estado. A conseqüente guerra civil (52-49 a.C.) finda com a derrota de Pompeu em Farsalo (48 a.C.), porém divisões na coligação cesariana e antigos apoiantes de Pompeu assumem a conspiração bem-sucedida contra César.

Ainda que contado entre os conspiradores e não obstante ter sido amnistiado a 17 de março do fatídico ano pelo Senado, Bruto abandona Roma após um encontro com Cícero (17 de agosto de 44 a.C.), por forma a evitar hostilidades, primeiro rumo à Grécia, Chipre e Ilíria (*Att.* 16.7.5. Cf. D.C. 47.20.4), agregando riqueza e legiões, e depois para a Macedónia, com o comando de todo o Oriente. Conflitos de interesses geram movimentações bélicas que justificam os contactos com diversos povos, exigindo homens, equipamento militar, fundos, apoio e fidelidade, que a epistolografia ora em apreço, trocada nos anos estimados de 43 e 42 a.C., parece testemunhar. Revogando o indulto concedido aos assassinos de César (agosto de 43 a.C.) e perdidas regalias territoriais/províncias pretorianas, o cônsul Marco António enfrenta Bruto, que, após derrota numa segunda batalha em Filipos, se suicida (23 de outubro).

Autoria

Pese embora reconhecidamente comandante, tiranóctono, político, orador, Bruto não se inscreve enquanto escritor *stricto sensu*. Não obstante, atribuem-se-lhe sete dezenas de missivas grafadas em língua helénica⁴, radicadas num sem número de incertezas, inconsistências e omissões. Mas teria sido seu propósito guardar cópia de correspondências oficiais a fim de posteriormente selecionar e publicar de forma organizada? Importa então ponderar a respeito da sua autenticidade⁵.

O recurso ao grego por parte de um romano esclarecido do século I a.C., sobretudo para facilitar o contacto com culturas da Ásia Menor, falantes desse idioma no período helenístico, não é único nem inovador, para mais em época de helenização(-ões)⁶.

⁴ Acrescem ainda duas mensagens inscritas nos códices *Laurentianus* XXXII. 33, f.164 e *Monacensis* 560, f. 111v, porventura de autor alheio, enquanto exercícios retóricos: “1. A Tepésio. Recordando oportunamente o que faço sempre com todos aqueles que se relacionam comigo, agora comporto-me assim também contigo, reforço o máximo possível a amizade que, devido à distância, nos deixaste. Bem sei que tu, escutando os nossos incitamentos, convenientemente te apegas a eles e os separas, como as múltiplas sementes das frutas. De facto, assim se revela sempre o teu carácter face aos espíritos nobres, entre os quais me conto a mim e a ti. 2. A Leontino. Mais uma vez impedindo a reciprocidade de uma mensagem epistolar, saúdo-te primeiramente, não considerando ser menos, segundo o dito do sábio Heraclito.” A referência de Heraclito não encontra reconhecimento na bibliografia disponível na atualidade. Vd. Hardt (1812, p. 422).

⁵ Cf. Goukowsky (2011, p. 273-290).

⁶ Atenda-se às helenizações enquanto expressão de um fenómeno múltiplice, pluridimensional (viz. língua, artes e literatura, leis, filosofia, outros saberes e costumes) e multifaseado (considerem-se contactos desde as remotas ocupações da Sicília e sul de Itália, séc. VIII a.C.), de influência da cultura grega sobre a latina, conforme

Quanto à autoria – questão despropositada para poucos⁷ –, converte-se numa dúvida cabal desde Erasmo⁸, sem reunir consenso entre os estudiosos. Aliás, precedendo o conjunto de cartas, a epístola de um tal Mitrídates⁹, assumindo um teor didático, por forma a satisfazer a curiosidade de um parente seu (ἀνεψιός: ‘sobrinho, primo’?), parece conferir uma solução fácil ao dilema, afirmando haver composto as respostas, emulando o estilo das trinta enviadas por Bruto. Porém, tal facilitismo não convence a plenitude dos estudiosos. Uns consideram parte do espólio autêntica¹⁰. Diversos comentários julgam a totalidade espúria¹¹, enquanto exercício retórico, quiçá até de carácter panfletário¹², com base num género literário à época vulgarizado¹³, apro-

denota Horácio (*Ep.* 2.1.156). No tocante ao panorama linguístico, partilhando o tronco indo-europeu, a maior antiguidade do ramo helénico reúne-se com as matrizes autóctones e etruscas na composição do idioma do Lácio. A aristocracia letrada dominava ambos os falares (e.g. *Cíc. Ad At.* 1.19.10). Pese embora o filelenismo reforçado a partir do séc. IV a.C., importa avaliar em simultâneo a conotação dos Gregos como ‘bárbaros’ (entendimento xenófobo próprio das civilizações da Antiguidade Clássica, mediante as quais todo o cidadão externo se integra na ‘barbárie’), donde algumas resistências em relação ao excesso de influência (e.g. Catão, o Antigo). Culturalmente, caso o autor das missivas atribuídas a Bruto seja tardio, conjugar-se-á outrossim, de certa forma, o fomento da Segunda Sofística, movimento de recuperação e inscrição no Império Romano de elementos retóricos e filosóficos gregos, tradições, estilo e conhecimentos de vários domínios, qual helenização cultural de legitimação intelectual da supremacia militar alcançada pelo Povo Romano. (Cf. Kaimio, 1979, p. 320; Adams; Janse; Swain, 2002, p. 133).

⁷ Vd. Gelzer (1917, coll.1007 sq.); Meyer (1922, p. 447); Levi (1933, p. 249); Walter (1938, p. 217 sq.).

⁸ Vd. carta 1206 de Erasmo a Beato Renano, 27 maio de 1520. Cf. Achelis (1917-1918, p. 633-638); Alllen; Allen (1922, p. 501).

⁹ Figura desconhecida, justificou vários estudos, que o identificam como um dos vários reis, em particular com o que governou Comagena, no Bósforo, junto ao Rio Eufrates (Mitrídates VI, séc. I), por concessão de Augusto (ano 20). Ou porventura, conforme revela Bentley (1883, p. 583), se tratasse de um pseudónimo adotado como forma de credibilizar um exercício retórico. Quanto ao parente a quem se dirige a carta-prefácio, quiçá um monarca dos Iberos. Cf. Bentley (1883, p. 79); Hepding (1909, p. 329-340); Calhoun (2009, p. 295-330); Højte (2009); Saprykin (2019, p. 280-306).

¹⁰ Cf. Moles (1997, p. 160).

¹¹ Marcks (1883, p. 26 sq.) nega a autenticidade de todas as cartas, argumentando que contém múltiplas contradições, conteúdo muito parco, argumentação pouco convincente (Rühl, 1915, p. 315 sq.) – no fundo, escritos indignos de um general. Por seu turno, Westermann (1851, p. 3-5) considera apenas as três cartas citadas por Plutarco pertencentes ao romano, havendo as restantes tomado aquelas como modelo. Vd. Bentley (1697, p. 79); Susemihl (1892, p. 599); Rawson (1986).

¹² Provavelmente, obra de um estoico contrário ao regime imperial romano. Após o fim da monarquia romana (viz. Tarquínio), a administração de um só memorava incidentes de má memória, donde o juramento de não tornar a repetir tal prática governativa (*Liv.* 2.1.9; *App. BC* 2.119). Portanto, o assassinato de César pelo membro dos *Liberatores* Bruto poderia considerar-se simultaneamente um ato reprovável e heroico, recuperando, *mutatis mutandis*, o exemplo da figura tradicional do seu antepassado Lúcio Júnio Bruto e o fim da monarquia do etrusco Tarquínio Soberbo, 509- a.C. (cf. Eutrópio, *Breviarium ab Vrbe Condita* 1.8). A ambivalência não é nova e poderá recolher alguma similitude no cenário pseudepistolográfico grego de Quíon de Heracleia (séc. IV a.C.) (Cf. Brandão; Oliveira, 2015, p. 54-56; Tempest, 2017, p. 1-17.).

veitando, no endereçamento, a credibilidade de nomes conceituados. Ou provável autoria anónima, do séc. I¹⁴, quiçá da lavra de Públio Cornélio Léntulo Espínter¹⁵, então na Ásia Menor.

Classe e Teor

O estilo da correspondência merece o louvor de muitos, enquanto modelo de escrita a reproduzir por militares no comando (Cf. epístola de Mitrídates; *Suda* β561¹⁶). Reconhece-se mérito ao seu sintetismo, brevidade, quase laconismo¹⁷, podendo funcionar como material de aconselhamento estilístico (*praecepta de arte scribendi*. Cf. Suet. *Gram.* 10.6) para futuras composições (ὕπομνήματα¹⁸). No geral, talvez o estilo resultasse de uma necessidade¹⁹. De facto, assiste-se a um crescendo de tensão nos dois anos anteriores ao óbito de Bruto, a saber: chegada a Dirráquio (janeiro de 43); campanha contra António²⁰ e regresso a Dirráquio (abril de 43) – acampamento em Candévia, junto à Via Egnácia (maio de 43, Cic. *Brut.* 1.6).

¹³ Fisicamente, o género epistolográfico atesta-se desde c. 500 a.C., variando os suportes materiais desde couro, chumbo, papiro. Sem distinção rígida entre os foros literário, incluindo pseudónimo (em prosa, verso) e pessoal (teor apologético, propagandístico, filosófico, didático, consolatório) e oficial/diplomático, a epistolografia desenvolve um estilo abrangente e variado, retratado em Περὶ ἐρμηνείας, *Sobre Estilo* 223-235 (c. séc. III a.C.), de Demétrio de Alexandria. Por suposta confidencialidade, o hábito denota publicações por terceiros, após óbito do emissor (e.g. Platão, por Aristófanes de Bizâncio; Aristóteles, por Ártemon), até ao lançamento próprio de G. Nazianzo (séc. IV/III). Cf. Malherbe (1988, p. 58).

¹⁴ Cf. Peter (1901, p. 175); Columba (1949, p. 994).

¹⁵ Vd. Smith, (1936, p. 202-203).

¹⁶ Vd. “General dos romanos que escreveu cartas e o epitome dos livros do historiador Políbio. É admirado pela forma das suas cartas, entenda-se, pelo seu estilo. Veja-se sob ‘tribunos’.” A indicação final, todavia, – δ421: δῆμαρχοι –, remete para uma figura distinta.

¹⁷ Vd. Plu. 2.3: “Bruto estava era expedito na língua romana para a oratória ou a arguição, mas, no tocante ao idioma grego, vê-se a cada momento nas suas cartas que reflete no seu uso uma brevidade sentenciosa e lacónica”. Em 2.7, considera esses aspetos reflexo do seu estilo.

¹⁸ O termo ὑπομνήματα remonta a Tucídides (2.44.2, 4.126.1), com o sentido de ‘lembrete’ (ὕπομνήμα). Tratava-se, na realidade, de um apontamento sem polimento literário (cf. Pl. *Tht.* 143a), a ser usado para *commentarii* ou outros usos de escrita mais elaborados (*ornatius*: Cic. *Att.* 2.1.2). Cf. Ἱστορικὰ ὑπομνήματα, de Eufóron (vd. o mesmo título em autores como Teofrasto, Aristóxeno, Estrabão).

¹⁹ Vd. Carta de Bruto dirigida a Cícero (Cic. *Brut.* 1.13.2), na qual afirma tal imperiosidade aquando da campanha em 43: “É impossível para mim escrever-te demoradamente” – na realidade, uma forma de redação censurada por Cícero. Vd. Filbey (1911, p. 325-333); Cichorius (1922, p. 434-438).

²⁰ Marco António, militar romano da ala de Júlio César, integra o segundo triunvirato (43-33 a.C.). Após derrota na batalha de Áccio (31 a.C.), suicida-se no ano de 30 a.C.

No ínterim, Dolabela²¹ abandona a Ásia e é detido por Cássio²² em Laodiceia, até sucumbir. Bruto derrota os Bessos²³, é nomeado *imperator* e parte pela Ásia (D.C. 47.24.2, 25.2). Acompanhado do exército pela Ásia, prepara a frota (Plu. *Brut.* 28.3) na Bitínia e junto de Cízico; procura reunir o apoio de algumas cidades; conversa com dinastas e esforça-se²⁴ por convencer Cássio a deslocar-se do Egito para a Síria, onde se encontram no início de 42. Desejando reunir fundos, Bruto ataca cidades da Lícia; arrasa Xanto, e Cássio, Rodes. O encontro entre ambos verifica-se a meados do ano e, após a partida para a Macedónia em outubro, António inflige derrota em Filipos, o que conduz ao suicídio de Bruto e Cássio. Deste cenário, as cartas guardam alguns episódios, designadamente: apoio de Pérgamo a Dolabela (§1,2); inspeção do exército por Bruto em Itália (§9); ataque a Xanto (§11); Rodes promete apoio (§12); Cássio ataca Rodes (§21); Cássio toma Rodes (§13, 23); Lícia subjugada a Bruto (§13, 27, 28); queda de Xanto (§25, 43); Bruto prepara expedição no Helesponto (§35); Bruto em guerra (§39); Dolabela entre os Tralianos (§51-53); Bruto com auxílio de Macedónios, Fenícios e Lésbios (§65).

²¹ Δολοβέλλα] Westermann. Públio Cornélio Dolabela é um general da facção de Júlio César, nomeado cônsul (D.C, 43.51.8). Empreende expedições contra Partos e Sirios. Cássio ataca-o em Laodiceia (Síria), 43 a.C., ano em que finda a sua vida, em fevereiro (por suicídio, ou morto pelas mãos de um soldado a seu mando. Vd. D.C. 47.30.5).

²² Caio Cássio Longino, senador romano participante do tiranicídio de Júlio César. Governador de Síria, junta-se a Bruto, seu cunhado. Derrotado por Marco António, opta pela própria morte em 42 a.C.

²³ Tribo trácia, entre os seculos V e I a.C., no território entre a cordilheira Ródope e o rio Maritsa (Hebro).

²⁴ A proximidade entre Bruto e Cássio justifica que se considere o uso da primeira pessoa do plural em algumas cartas não enquanto forma de plural majestático, mas juntando os dois agentes. Vd. Kirbihler (2013, p. 345-346).

Tabela Sinótica

Guardadas as devidas reservas quanto à cronologia, replica-se de seguida uma tabela sinótica mediante uma ordenação autoral inexistente²⁵.

Tabela Sinótica.

	Emissão de Bruto	Resposta		
43 a.C.	1. [<i>Censura da oferta de dinheiro a Dolabela</i>]	2. [<i>Forçados e pobres</i>]	PERGAMENSES	
	7. [<i>Ameaça de castigo pela traição de haver sido prestado auxílio a Dolabela</i>]	8. [<i>Arrependimento</i>]		
	3. [<i>Dinheiro não entregue: ameaças</i>]	4. [<i>Alegação de pobreza</i>]		
	5. [<i>Embaixadores outorgaram dinheiro em demasia</i>]	6. [<i>Esforço</i>]		
	9. [<i>Requisição de serviços e fundos em quantidade superior à prestada a Dolabela</i>]	10. [<i>Anuência, apesar da pobreza</i>]		
	51. [<i>Ameaça, em virtude do acolhimento prestado a Dolabela</i>]	52. [<i>Acampamento de Dolabela consentido</i>]		
	53. [<i>Crítica pela recepção de Dolabela. Ameaças</i>]	54. [<i>Acampamento permitido, mas sem que isso justifique guerra com os Romanos</i>]		TRALIANOS
	55. [<i>Ordem de expulsão de Menodoro e Dolabela. Ameaças</i>]	56. [<i>Desculpabilização: Menodoro e Dolabela já partiram</i>]		
	57. [<i>Castigo: reclamação dos bens de Manodoro</i>]	58. [<i>Inexistência de bens e injustiça</i>]		
	59. [<i>Justificação da grande quantidade de impostos</i>]	60. [<i>Pedido de desculpa e de alargamento dos esforços a outros</i>]		
OUTONO/INV. 43 a.C.	61. [<i>Requisição igual ao concedido a Dolabela: homens, navios e fundos</i>]	62. [<i>Justificação de não poder cumprir devido à pobreza</i>]	BITÍNIOS	
	63. [<i>Áquila queixa-se dos Bitínios a Bruto, que censura a sua indulgência</i>]	64. [<i>Reprovação das acusações de Áquila face aos esforços ainda assim realizados na pobreza</i>]		
	65. [<i>Ameaças, caso as ordens não sejam cumpridas</i>]	66. [<i>Pobreza. Censura das ameaças</i>]		
	67. [<i>Auxílios de outros povos, atrasos, pagamentos</i>]	68. [<i>Desculpabilização pelo atraso</i>]		
	35. [<i>Solicitação de armas. Ameaças</i>]	36. [<i>Compromisso de esforço</i>]		CIZICENOS
	37. [<i>Recompensa: concessão de pedreiras de Proconseso</i>]	38. [<i>Agradecimento</i>]		
42 a.C.	25. [<i>Impõe-se escolher entre o destino dos Xântios e o dos Patarenses – ameaça</i>]	26. [<i>Escolha de aliança</i>]	LÍCIOS	
	27. [<i>Ameaças a quem escolher abrigar fugitivos xântios</i>]	28. [<i>Comiseração, mas sem a sorte de Xântios</i>]		
	21. [<i>Requisição de navios para Cauno. Ameaças</i>]	22. [<i>Apoio imediato</i>]		

²⁵ Cf. Jones (2015, p. 202-237).

Tabela Sinótica. Cont.

	Emissão de Bruto	Resposta	
	23. [<i>Equipamento desnecessário, pois Cássio antecipara o conflito</i>]	24. [<i>Espera de reconhecimento pela prontidão</i>]	LÍCIOS
	17. [<i>Fuga de Rodes por Damasipo e acolhimento pelos Patarenses. Ameaças</i>]	18. [<i>Desconhecimento e pedido de perdão</i>]	PATARENSES
	43. [<i>Ameaças com base no castigo aplicado aos Xântios</i>]	44. [<i>Exposição de misericórdia face aos Xântios e censura da ameaça</i>]	MIRENSES
	45. [<i>Crítica da lentidão no auxílio</i>]	46. [<i>Falta de meios</i>]	MIRENSES
42 a.C.	19. [<i>Requisição de ações e não apenas de apoio verbalizado</i>]	20. [<i>Reiteração de apoio</i>]	CÁUNIOS
	31. [<i>Prova de lealdade</i>]	32. [<i>Afirmção de lealdade</i>]	CÁUNIOS
	11. [<i>Argumento para obter apoio: tomada de Xanto.</i>]	12. [<i>Apoio</i>]	RODENSES
	13. [<i>Argumento para obter apoio: tomada de Rodes e da Lícia</i>]	14. [<i>Declaração de apoio</i>]	COACOS
	15. [<i>Solicitação de navios</i>]	16. [<i>Apelo à reutilização de material</i>]	
	29. [<i>Reclamação de atraso na construção dos navios</i>]	30. [<i>Continuação da construção</i>]	
	39. [<i>Ameaças</i>]	40. [<i>Afirmção de lealdade</i>]	CÁZICENOS
VERÃO/OUTONO 42 a.C.	41. [<i>Incitação. Ameaças</i>]	42. [<i>Desculpas e justificações</i>]	ESMIRNENSES
	47. [<i>Pobreza não é desculpa. Uma cidade deve saber acautelar-se</i>]	48. [<i>A dificuldade não é uma questão de política interna, mas de pobreza</i>]	MILÉSIOS
	49. [<i>Sobre armas: construção, posse e uso</i>]	50. [<i>Sobre armas: construção, posse e uso</i>]	MILÉSIOS
	69. [<i>Ameaças pela lentidão</i>]	70. [<i>Justificação</i>]	SÁMIOS
INCERT.	33. [<i>Requisição de armas e fundos</i>]	34. [<i>Discurso sentencioso</i>]	DAMAS

Difusão

A existência dos escritos apenas merece tardiamente alusão por parte de Plutarco (*Brut.* 2.3-5)²⁶; Filóstrato (2, p. 258 K.); Fócio (*Ep.* nr. 6, p. 16 Hercher)²⁷. Todavia, o *corpus codicum* mostra-se profuso em registos quirográficos, reproduzindo a pseudepistolografia helénica de Bruto²⁸ total ou parcialmente, desde o século X²⁹. A divulgação completa-se com múltiplas publicações impressas, desde a *editio princeps* veneziana de 1498 (Bartholomaeus

²⁶ O autor exemplifica o estilo de Bruto apresentando três cartas suas: uma aos Pergamenses (§1), outra aos Sámios (§69) e outra aos Lícios (§25).

²⁷ Vd. a constatação do gramático Frínico relativamente ao estilo sucinto do imperador Marco e também das cartas de Bruto. Cf. Phot. *Bibl.* 101a15-27, onde menciona Frínico, a propósito de um autor de nome Marciano, que considera a superioridade estilística das cartas do latino Bruto, face a Platão e Demóstenes.

²⁸ Cf. Martínez (2018, p. 401-415); Marquis (2020, p. 201-217); Lennartz; Martínez (2021).

²⁹ Do séc. X: (O) *Ambrosianus* 81 (B 4 Sup.), ff. 148v-164; (A) *Heidelbergensis Palatinus gr.* 398, ff. 322-331. Do séc. XIII: *Athous Laurae* 1935 (Q 123), ff. 219-223; (Θ) *Bodleianus Baroccianus* 133, ff. 226-227v; (D) *Parisinus Suppl. gr.* 352, ff. 145v-148; (V) *Vaticanus gr.* 622, ff. 123-130v; (D) *Vaticanus gr.* 997 (*Paris. suppl. gr.* 352), ff. 145v-148. Do séc. XIV: (Λ) *Bodleianus d'Orvillianus* X. 1. 4. 10, ff. 1-12v; (B) *Heidelbergensis Palatinus gr.* 356, ff. 36-40; (P) *Laurentianus gr.* XXXII. 33, ff. 160-164; *Londinensis Harleianus* 5566, ff. 167v-181; (Φ) *Marcianus gr.* 521 (=316), ff. 105v-109v; *Monacensis gr.* 560, ff. 102-111; (Ψ) *Parisinus gr.* 1038, ff. 178-184v; (Ω) *Parisinus gr.* 1428, ff. 203v-205v; (L) *Vaticanus gr.* 1309, ff. 269-282v; (P) *Vaticanus gr.* 1534, ff. 1-2v. Do séc. XIV-XV: *Ambrosianus* 36 (A 110 Sup.), ff. 39-48; (H) *Vaticanus gr.* 67, ff. 257-262. Do séc. XV: *Ambrosianus* 340 (F 46 Sup.), ff. 48-64v; *Ambrosianus* 430 (H 42 Sup.), ff. 1-8; (Q) *Ambrosianus* 481 (L 43 Sup.), ff. 48-59; *Bodleianus Roe* 15, ff. 68-73v; (b) *Glasguensis Hunterianus* 132 (T. 6. 14), ff. 73-92; *Laurentianus gr.* LV. 7, ff. 244-244v; *Laurentianus gr.* LVII. 12, ff. 33v-41; *Laurentianus gr.* LV.III. 16, ff. 37v-45v; *Laurentianus gr.* LIX. 5, ff. 72v-79v; (N) *Laurentianus gr.* LXXXVI. 8, ff. 261v-265; (Z) *Laurentianus Conventi Soppressi* 153, ff. 152-165; (K) *Marcianus gr.* 1350 (VIII. 11), ff. 49v-62; *Marcianus gr.* 1388 (VIII. 2), ff. 282-295v; *Monacensis gr.* 490, ff. 44v-51; *Mosquensis* 507 (), ff. 72-89; *Parisinus gr.* 1760, ff. 199-204v; *Parisinus gr.* 2832, ff. 131-147v; *Parisinus gr.* 3021, ff. 180-181v; *Parisinus gr.* 3047, ff. 23v-34; (F) *Parisinus gr.* 3050, ff. 57-71; (E) *Parisinus Mazarineus* 4454 (611 A, Omont 4), ff. 41-51; (I) *Vaticanus gr.* 95, ff. 78-95v; (M) *Vaticanus gr.* 1353, ff. 171-180v; *Vaticanus gr.* 1354, ff. 1-10v; (X) *Vaticanus gr.* 1461, ff. 227-241v; (T) *Vaticanus Vrb. gr.* 7, ff. 31v-45; (U) *Vaticanus Vrb. gr.* 132, ff. 64-79v; (Γ) *Vossianus gr.* Q 65, ff. 103-131. Do séc. XV-XVI: (R) *Ambrosianus* 166 (A 110 Sup.), ff. 39-48; *Bruxellensis* 89 (11270-75), ff. 50-62v; (G) *Laurentianus gr.* LVI. 3, ff. 168v-173v; *Mutinensis* 39 (II B 2), ff. 52-61v; (S) *Mutinensis* 169 (II F 4), ff. 253-254v; *Vaticanus Palatinus gr.* 134, ff. 212-222. Do séc. XVI: *Ambrosianus* 166 (C 6 Sup.), ff. 63-76v; *Bodleianus Seldenianus* 15, ff. 176-215v; (Δ) *Bononiensis* 3563, ff. 182-196; (C) *Casanatensis* 197, pp. 61-77; *Laurentianus Conventi Soppressi* 23, ff. 21v-37v; *Marcianus gr.* 609, ff. 185-204; *Parisinus gr.* 3046, ff. 30-38v; *Parisinus gr.* 3052, pp. 1-6; *Vaticanus Pii PP. II gr.* 42, ff. 68v-73v; (W) *Vindobonensis phil. gr.* 318, ff. 45-55v. Ante a. 1601: *Vaticanus Palatinus gr.* 419, ff. 106v-119v. Do séc. XVIII: *Atheniensis* 17, f. 140; *Atheniensis* 230, ff. 114-122; *Athous Laurae* 1782 (M 91), ff. 72v-75; *Athous Stauronicetae* 1018 (153), ff. 82-187; *Athous Xenophontis* 748 (46), nr 4; *Bucarestinensis Academiae Romanae* 8. 699 (316), ff. 55-61; *Bucarestinensis Academiae Romanae* 9. 704 (334), ff. 104-127; *Constantinopolitanus* 556, ff. 67-201. Para um *stemma codicum*, cf. Torraca (1959, p. LV).

Pelusius, Gabriel Bracius de Brisighella, Johannes Bissolus, Benedictus Mangius. *Phalaridis tyranni Apollonii Philosophi pythagoraei Epistolae [Graece]*³⁰.

As traduções em latim por norma a acompanhar o grego encontram paralelo em línguas modernas apenas no referente às três dezenas de cartas remetidas. Somente em italiano a dissertação de Torraca, 1959, contempla de igual modo as respostas. O presente apontamento disponibiliza a tradução integral em língua portuguesa a partir do texto grego com aparato crítico facultado pela edição de Westermann, A. *De Epistolarum Scriptoribus Graecis. Commentationis*. Pt. IV. Lipsiae: Litteris Staritzii, Typogr. Universit., 1851: correspondente missiva introdutória de Mitrídates e setenta epístolas emitidas por Bruto, bem como as alegadas réplicas.

Nota Final

Assiste-se, em suma, a uma argumentação mormente silogística, numa dinâmica de poderes entre um vetor dominante, com requisições, ‘conselhos’, ameaças, alguma ironia (e.g. §61), e uma facção dominada, entre imposições de forças de governação Romana, desculpas e fraqueza(s). O terceiro vértice na semiose expõe a consequência – os efeitos da resistência numa luta entre desafetos políticos internos em contexto Romano: de um lado, republicanos, a exemplo de Bruto, Cássio, Trebónio³¹; de outro, dinastas fiéis à memória de Júlio César, como António, Dolabela. Envolve-se nas exposições um parco número de antropónimos individuais (viz Cássio, Dolabela, Damasipo, Menodoro, Hermodoro, Áquila), de entre os quais apenas três (Bruto, Mitrídates, Damas) participam de forma ativa no epistolário. Por seu turno, também constam diversos etnónimos de culturas da

³⁰ Vd. outras edições seguintes: Ἐπιστολαὶ διαφόρων φιλοσόφων ῥητόρων σοφιστῶν; ἐξ πρὸς τοῖς εἰκοσὶ ὄν τὰ ὀνόματα ἐν τῇ ἐξῆς εὐρήσεις σελίδι. *Epistolae diversorum philosophorum, oratorum, rhetorum sex et viginti. Editio est edita a Marco Musuro*. Venetiis apud Aldum, 1499. Também Τῶν ἑλληνικῶν ἐπιστόλων ἀνθολογία. *Graece*. Ex Officina Fed. Morelli. Lutetiae Parisiorum, 1577. Em 1577, *Epistolia dialogi breves oratiunculae poematia ex variis scriptoribus utriusque linguae*. Excud. Henr. Stephanus. Lutetiae Parisiorum, (com falta da carta de Mitrídates). De igual modo, Φαλάριδος καὶ Βρούτου ἐπιστολαί. *Graece et Latine*. Apud. Hieronymum Commelinum [Heidelbergae], 1597. Já no séc. XVII, *Epistolae veterum Graecorum nempe Hippocratis, Democriti, Hercliti, Diogenis, Cratetis, Phalaridis, Bruti, aliorumque ad eosdem*. Editae graece et ac simul latine per Eilhardum Lubinum. Accedit Methodus conscribendarum epistolarum. *Graecè ac Latine*, in Bibliopolio Commeliniano [Heidelbergae], pars I 1608. Para mais, Ἐπιστολαὶ Ἑλληνικαὶ αμοιβαία *Epistolae Graecanicae mutuae antiquorum rhetorum oratorum philosophorum medicorum, theologorum regum ac imperatorum aliorumque praestantissimorum virorum a e Iacobo Cuiacio, clarissimo I. C. maganam partem Latinitate donatae* Aureliae Allobrogum 1606. Ainda, *Graecorum veterum seelectae brevesque epistolae. E usum studiosae juventutis*. Coloniae Allobrogum, apud Ioannem Tornaesium, 1612. Outrossim, Τοῦ Ἑλληνισμοῦ γύμνασμα πρὸς τὴν διδακτικὴν. Κοθήνησι τῶν Ἀναλτίνων, 1620. No séc. XIX, *Marci Bruti Epistolae Graecae ex recensione Antonii Westermanni*. Lipsiae, 1855. Também *Epistolographi Graeci Recensuit recognovit, adnotatione critica et indicibus instruxit Rudolphus Hercher*. Parisiis, 1873.

³¹ Gaio Trebónio, general e político romano da ala de Júlio César, participou, todavia, na conspiração do seu assassinato, afastando Marco António. Embora procurasse capturar Dolabela, foi aprisionado em Esmirna, Ásia Menor, e julgado enquanto traidor, no ano de 43 a.C.

Ásia Menor num período conturbado no relacionamento com o poder Romano (viz. Bitínios; Càunios; Cízicos; Coacos, Esmírnenses; Lícios; Milésios; Mirenses; Patarenses; Pergamenses; Rodenses; Sâmios; Tralianos)³², nunca tomando a iniciativa na comunicação epistolar estabelecida. Outros povos (e.g. Corícios, gentes de Fáselis, Fenícios, Lésbios, Macedónios, Proconenses, Xântios) e zonas (e.g. Bitínia, Cauno, Helesponto, Proconeso Xanto) merecem unicamente alusão.

No geral, quer se trate de um *corpus* autêntico ou de uma congregação epistolar com réplicas de lavra alheia elaboradas a título de exercício retórico, o conjunto de missivas ilustra um traço assumidamente pragmático e instrumental, de laia neotérica, sem preocupação literária de relevo, exuberância ou resplendor.

³² Em relação aos etnónimos apresentados, considerem-se habitantes provenientes das zonas da Ásia Menor de Bitínia, Cauno, Cízico, [ilha de] Cós, Esmirna, Lícia, Mileto, Mira (Lícia), Patara, Pérgamo, [ilha de] Rodes, [ilha de] Samos, Trales, respetivamente.

Coletânea das Epístolas de Mitrídates a Bruto

Mitrídates ao rei Mitrídates, seu primo, saudações.

Frequentemente admirei as epístolas de Bruto, não apenas pela sua severidade e concisão, mas também porque revelam a marca de uma mente própria de um general, pois parece que não consideraram belo nada que não esteja também misturado com a grandeza de espírito. Mas, por um lado, não julgo oportuno discutir nesta altura a minha opinião a respeito desses discursos; por outro, na medida em que tu declaraste ser difícil responder a essas cartas, considereei que devia concentrar-me em escrever as respostas e encontrar as palavras que plausivelmente tenham usado no retorno de cada uma das missivas que foram enviadas. [2] A minha ignorância sobre a situação e os planos das cidades na ocasião tornava o propósito mais difícil. Ainda assim, não desisti da diligência por esse motivo. Reuni algumas informações facultadas pela história, e outras, segundo constatei, eram sugeridas pela segunda e terceira cartas, a propósito das primeiras, de forma que, como melhor pude, consegui juntar os dados que obtivera por intuição. É de certo naturalmente penoso emular a perícia de outrem, pois também é difícil alcançar a própria.

Bruto, como é lógico para um homem que hostilizou muitos povos, enviou a título diplomático um incontável número de cartas, quer escritas pelo próprio punho, quer por algum dos contratados para esse efeito. Porém, publicou apenas aquelas escritas com destreza, porquanto conseguiu efetuar somente a revisão de poucas. [3] Ora, se já nessas não consegui ser sempre igual a si próprio, de que modo seria possível para mim imitar um outro e manter-me fiel ao meu desígnio? Mas a esperança é um sentimento agradável, que não só fascina com a previsão do sucesso, mas também mitiga o fracasso. Incentivado por ela, reivindico-me superior a qualquer outro no intuito de proporcionar-te grande prazer.

Também não ignoro que uma pessoa, escrevendo a muitos indivíduos e muitos povos, conserve naturalmente um estilo único, ao passo que alguém que fala em nome de muitos, se variar o seu estilo, dará impressão de ter-se afastado do seu objetivo, enquanto que se mantiver o mesmo estilo resultará pouco convincente e monótono. [4] Importa ponderar acerca disto: alguns consideram digno de um líder enviar aos súbditos missivas repletas de soberba; todavia, uma resposta insolente levaria a que fôssemos considerados loucos; Já a humildade não se adapta ao mesmo tom da carta a que se reporta.

E após considerar as dificuldades, ainda que numerosas, dispus-me, todavia, a executar a tarefa, compondo um pequeno exercício – uma não grande oferta para ti, e quiçá também desprezível aos olhos de muitos. De facto, o que é digno de admiração antes de realizar-se, quando observado após a execução, é menosprezado com sendo fácil.

As Epístolas de Bruto

1.

Bruto aos Pergamenses

Ouçõ dizer que vós destes dinheiro a Dolabela. Se oferecestes de bom grado, reconhecei que agistes mal; se contrariamente à vontade, demonstrai ao conceder-mo voluntariamente.

2.

Pergamenses a Bruto

Fomos forçados a oferecer dinheiro a Drosila, agora que prosperávamos; ao invés, tu pediste-nos para entregar de boa vontade, quando na pobreza é difícil atender àquilo que se deseja.

3.

Bruto aos Pergamenses

Não tendo enviado o dinheiro no prazo que definimos, não ganhastes nada, além de ter de entregá-lo à força. Assim, prejudicastes-vos duas vezes: suportar igualmente a despesa (de facto, pagareis com tanto maior prejuízo quanto mais ampla for a relutância) e perdereis o reconhecimento a que haveríeis tido direito em troca dos serviços. Com efeito, aqueles que não facultam estes auxílios, a menos que forçados, não deveriam usufruir da mesma liberdade que os sujeitos prontos e obedientes.

4.

Pergamenses a Bruto

Se providenciar dinheiro fosse fácil, não teríamos esperado perder o reconhecimento com a demora. Para aqueles que serão compelidos, no caso de também recusarem, qual a vantagem de, em virtude do atraso, sofrerem uma dupla pena, apresentando o tributo e perdendo o reconhecimento? Mas fica a saber que a rapidez é própria da opulência, porém a demora é própria do zelo, que se esforça por superar a pobreza. Não é correto que a dificuldade económica de quem trabalhou além das suas possibilidades obtenha uma recompensa menor do que aqueles que não foram lembrados, a não ser pela riqueza de recursos.

5.

Bruto aos Pergamenses

Os vossos embaixadores trouxeram o dinheiro em maior quantidade do que a penúria que alegastes, ainda assim parco relativamente ao fim para que vos pedimos. Cuidai então que não possuíis mais do que fingis e não quereis menos do que conseguis.

6.

Pergamenses a Bruto

Enviámos-te dinheiro, ainda que menos do que a tua necessidade, todavia em quantidade superior às nossas promessas. De facto, desculpávamo-nos por possuir menos do que desejávamos, mas, esforçando-nos, providenciámos mais do que podíamos.

7.

Bruto aos Pergamenses

É nosso inimigo e vosso amigo Dolabela, a quem prestastes o vosso auxílio em tudo contra nós. Qual poderia ser a consequência para aqueles que abraçam a façção dele, a não ser, quando capturados, sofrer sorte igual à dos inimigos? Com efeito, não deve dar-se lugar para arrependimento àqueles que não se consciencializam a menos que na altura em que estão completamente exauridos.

8.

Pergamenses a Bruto

Pela nossa antiga amizade com Dolabela és responsável tu, que tardiamente resolveste corresponder-te connosco. De facto, era necessário apoiar os seus imperativos, antes de ter alguém em quem confiar. Porém, de futuro, não toldes uma eventualidade de arrependimento àqueles que, embora tardiamente, conseguem remediar o erro cometido.

9.

Bruto aos Pergamenses

Os vossos legados entregaram-me a carta do vosso decreto em Abdera, enquanto eu inspecionava o exército da Itália. Todavia, após receber, culpei-vos pela lentidão – pois há muito pretendi e era necessário que os Pergamenses houvessem tomado esta posição –, contudo, agradeço todo o vosso serviço e outros, bem como a oferta de duzentos talentosⁱ, através da qual haveis demonstrado terdes anteriormente dado os cinquenta a Dolabela contra a vontade.

ⁱUnidade monetária, correspondente a 60 minas, 6000 dracmas.

10.

Pergamenses a Bruto

Enveredamos sem delonga pela façção justa e agora, sem demora, mas logo que tivermos possibilidade, cumprimos o nosso dever. Então, nós que, na riqueza, demos não mais do que cinquenta talentos a Dolabela, delegamos-te presentemente quatro vezes mais, embora estejamos necessitados, para que saibas o quanto a prestação espontânea dos pobres supera os serviços daqueles que na abundância são constrangidos contra a sua vontade.

11.

Bruto aos Rodenses

Havendo subjugado os habitantes de Xanto revoltosos, matámos a juventude e incendiámos a cidade; mas quando os Patarenses se submeteram a nós, concedemos-lhes imunidade fiscal, permitimos-lhes serem livres e independentes e, para restauro as obras na sua cidade destruídas pela antiguidade, oferecemos-lhes cinquenta talentos. Então, vós, quando deliberardes a vosso respeito, podem ver com os próprios olhos se deveis escolher a nossa inimizade, como fizeram os habitantes de Xanto, ou a nossa amizade e o nosso favor, como os Patarenses.

12.

Rodenses a Bruto

Não devido ao facto de tu haveres tratado com violência os habitantes de Xanto que procuraram defender a sua liberdade, imitaremos também nós os Patarenses, que se deixaram submeter à escravidão por dinheiro. Mas, rejeitando a sorte daqueles, tentaremos manter a mesma magnificência e, reprovando a sua decisão, não necessitaremos das tuas doações, estimando que a liberdade, mesmo que ameaçada por perigos, é mais honrosa do que a deserção feita por lucro.

13.

Bruto aos Coacos

Rodes, cidade que julga a sua força com mais presunção do que segurança, já foi reduzida à escravidão por Cássio. Toda a Lícia está submetida a nós: parte, atormentada pela guerra, parte, por necessidade, preferiu por sua vontade não sofrer nenhuma violência. De facto, escolheu o que não muito depois teria de fazer contra a vontade. Portanto, vós optai: ou tornarem-se escravos, forçados pela guerra, ou nossos amigos, acolhidos de bom grado.

14.

Coacos a Bruto

Nem a tomada de Rodes aterrorizou os que não haviam já perfilhado a tua fação, nem a prosperidade dos Lícios persuadiria como a sua bajulação. De facto, esperança e temor, quando estão nos amigos, podem confiar-se; porém, nos inimigos, são desprezíveis. Porém nós, que desde o princípio ficámos do teu lado, sentimo-nos perturbados quanto a um aspeto – que possa parecer que fomos conquistados pelas ameaças, ou pelas promessas. Portanto, apresenta-nos a outros como exemplo de amizade, em vez de recorrer a outros para submeter.

15.

Bruto aos Coacos

Não vem lucro nenhum do mar sem navios, nem vantagem da terra sem cultivo. Por tal, esforçai-vos a construir embarcações pois, se fordes incapazes de proporcioná-las, não trareis mais proveito do mar do que as gentes do interior.

16.

Coacos a Bruto

Por vezes, as circunstâncias prejudicam não só a agricultura, mas também a navegação; contudo, nem da terra nem do mar podem ficar privados aqueles que por natureza possuem tais lugares. De facto, poder colocar qualquer coisa de novo em uso, ainda que algumas vezes fique aquém, não é o mesmo que não possuir nada.

17.

Bruto aos Patarenses

Soube junto de Hermodoro, mercador sâmio, que Damasipo, almirante rodense, após a tomada de Rodes, tendo fugido com dois navios de guerra, apareceu no vosso maior porto. Não julgo que seja culpa vossa que ele tenha aportado aí, mas se após o desembarque lhe permitis escapar para qualquer lugar para além da vossa região, far-vos-ei pagar pelo vosso erro e pela vossa traição.

18.

Patarenses a Bruto

Se Hermodoro nos tivesse informado antes de ti a propósito do almirante, certamente Damasipo não teria navegado e empreendido a fuga, entrando clandestinamente no porto, mas encontrar-se-ia entre os prisioneiros de Rodes. Agora, perdoa o efeito final dessa ignorância, a quem já desculpaste o princípio. Nem deve constar culpa, uma vez que o acolhemos sem sabê-lo, nem debilidade, já que não nos apercebemos da sua fuga.

19.

Bruto aos Cáunios

Ao enviar-nos embaixadores, procurais ser bem-intencionados, mas as vossas ações provam que não estais empenhados em fazer nada do que devíeis. Então precavei-vos de que nós, mais convencidos pela malevolência das vossas ações do que encontrando prazer nas vossas palavras lisonjeiras, não vos tratemos como inimigos.

20.

Cáunios a Bruto

Nada de estranho se, embora enviando embaixadas a expressar o nosso favor, nos serviços mostremos ser inferiores ao necessário. O primeiro ato é próprio de quem está empenhado; o segundo, de quem não tem recursos. Por conseguinte, importa considerar a disposição oriunda da boa vontade mais do que a malevolência dos feitos, e considerar-nos amigos, que procuramos fazer até aquilo que até vai além das nossas possibilidades.

21.

Bruto aos Lícios

Enviai tantos equipamentos de guerra ou de batalha naval quantos tiverdes para Cauno, rapidamente, em 35 dias, a partir do dia em que tendes recebido a carta, a cargo do meu colega Cássio, que se encontra a atacar Rodas, de modo a que não tenhamos de utilizar contra vós o armamento que já tínhamos preparado contra aqueles.

22.

Lícios a Bruto

A resposta a um comando é uma só: obedecer prontamente. Como tal, procuraremos antecipar o prazo que fixaste com atos, pois também tu antecipaste com ameaças o nosso comprometimento. Esperamos que os nossos equipamentos não te pareçam inúteis por serem muito antigos, como inúteis contra outros ireis também considerar aqueles dos Rodenses.

23.

Bruto aos Lícios

Os vossos equipamentos chegaram depois da guerra, conforme diz o provérbioⁱⁱ. Ainda assim, agradecemos, pois não atrasastes relativamente ao prazo que vos havíamos fixado, porém Cássio antecipou.

ⁱⁱ *Αἱ μηχαναὶ ὑμῶν μετὰ τὸν πόλεμον, id est machinas post bellum adferre. Cf. Pl. Grg. 447a. Vd. Erasmus, Adagium 2017. III, 1, 17, p. 1494.*

24.

Lícios a Bruto

A ti aconteceu venceres mais rapidamente do que se esperava; a nós, cumprir o serviço imposto não com maior lentidão face ao que tinhas ordenado, caso pretendas aprovar a conduta dos teus aliados com base no prazo fixado mais do que apoiado na rapidez com que Cássio agiu.

25.

Bruto aos Lícios

Os Xântios desprezaram a minha boa vontade e encontraram na pátria o túmulo da sua loucura, ao passo que os Patarenses se confiaram a mim e conservaram a sua liberdade em todas as esferas da vida política. Portanto, está em vós escolher entre a decisão dos Patarenses e a sorte dos Xântios.

26.

Lícios a Bruto

Lamentamos os Xântios pelo infortúnio que sofrem como penalização pela sua loucura visto não terem sido sequer capazes de se arrependerem. Porém, regozijamo-nos com os Patarenses, que sábia e afortunadamente escolheram a ala que seria vantajosa. Quanto a nós, não estamos insanos a ponto de preferir a desgraça daqueles que foram punidos pela sua atitude hostil, mesmo tendo-lhes sido oferecida a possibilidade de serem contados entre os teus amigos e de assim beneficiarem.

27.

Bruto aos Lícios

Aqueles de vós que acolheram os que fugiram de Xanto não sofrerão uma pena mais branda do que os Xântios. Contrariamente, os Patarenses, o povo de Fáselis, os Mirenses, os Corícios, se desejarem abrigar os fugitivos e auxiliá-los com outros benefícios, têm o meu consentimento, pois, considerando o destino dos Xântios, poderão entender pelos factos se terão tomado a decisão correta ao escolher-nos enquanto amigos e não como inimigos.

28.

Lícios a Bruto

Não decidimos receber os fugitivos xântios, se devemos ser colocados com eles na desgraça, nem aliviar o seu infortúnio. Por outro lado, parece que, depois de terem saído de junto de nós, de quem não tiraram proveito nenhum, aqueles se refugiaram entre os Patarenses, o povo de Fáselis, os Mirenses, os Corícios, porque estas gentes oferecem maior segurança. Com efeito, é evidente, Bruto, que não baniste os refugiados da Lícia movido por raiva, mas, levado por bondade, indicaste a quem estavas mais disposto a concedê-la.

29.

Bruto aos Coacos

Aqueles que enviei para combaterem junto de vós reportaram-me que os vossos navios estão apenas agora em construção. Mas se estais a prepará-los para a

eventualidade de uma guerra, não sei que uso esperais fazer destes preparativos. De facto, que utilidade proporciona uma força fora de tempo? A sua inutilidade equivale a fraqueza absoluta.

30.

Coacos a Bruto

Sabemos que, por um lado, precisamos aproveitar as nossas boas oportunidades muito antes da necessidade. Por outro, que não é fácil saber os movimentos dos aliados, se um deles não os revelar muito tempo antes. Daí não considerarmos os nossos armamentos inúteis pela sua lentidão. Mesmo sem oferecerem nenhuma utilidade para o presente, podem, no entanto, ser preservados intatos para o futuro.

31.

Bruto a Cáunios

Os serviços dos súbditos propositadamente realizados revelam em geral bajulação e medo, ao passo que a presteza no cumprimento de todos os nossos comandos denota muita credibilidade. Então, vós também deveis considerar acerca do que escrevemos: se deverá acreditar-se que todos os vossos outros serviços foram executados por necessidade ou por benevolência. De facto, a vossa constante resposta às nossas necessidades parecerá prova incontornável de uma contínua lealdade.

32.

Cáunios a Bruto

Prova de benevolência não é a prestação contínua de serviços (esta, na realidade, não denota outra coisa além de força), mas a prontidão em todas as circunstâncias em que alguém tenha a possibilidade de aproveitar. Se tivéssemos de perder a tua confiança na nossa antiga solicitude devido a alguma interrupção, iríamos supor que também os nossos esforços precedentes foram vãos. Não é provável que agora fingíssemos sentir por ti uma amizade que o medo teria lisonjeado, mesmo que não existisse de verdade, e a bajulação teria também enganado caso existisse.

33.

Bruto a Damas

Há necessidade de armas e de dinheiro. Envia ou mostra a tua opinião.

34.

Damas a Bruto

Enviar é próprio de quem é rico; manifestar a própria opinião pertence a quem é pobre.

35.

Bruto aos Cizicenos

Enviai as armas desde a Bitínia até ao Helesponto, expedindo-as por terra ou por mar – vós mesmos vereis qual o meio mais fácil de transporte. Mas se elas tiverem de chegar mais tarde do que o necessário, ou caso fiquem completamente destruídas, ou caiam nas mãos dos inimigos, julgaremos que fomos enganados por vós.

36.

Cizicenos a Bruto

É difícil enviar as armas por terra, devido aos inimigos, e através de navios, devido ao clima, sobretudo porque tu conjugaste condições muito opostas – rapidez e segurança. No entanto, devotaremos todo o nosso zelo, desde que não imputes os eventos que o caso suscitará aos que de modo determinado prestam os seus serviços.

37.

Bruto aos Cizicenos

Os armamentos chegaram e dentro do prazo que desejávamos. Por este serviço prestado no tempo devido, concedemos-vos, a título de recompensa, Proconeso com as suas pedreiras.

38.

Cizicenos a Bruto

Não com esperança de obter lucro, providenciamos prontamente o envio das armas, nem de futuro nos tornaríamos negligentes se apenas tivéssemos sido elogiados sem qualquer recompensa. No entanto, dado que nos consignaste uma dádiva, estamos satisfeitos mais pelo reconhecimento do que pelas pedreiras dos Proconenses.

39.

Bruto aos Cizicenos

Os vossos embaixadores encontraram-se comigo quando estava de partida para a guerra e pediram para ficarem livres da aliança, alegando pobreza e falta de fundos públicos. Então, teria sido certo enviardes ajuda ao menos agora que

a necessidade nos aperta tão de perto, ainda que anteriormente não tenhais mandado. As circunstâncias tornaram o vosso préstimo mais precioso. Todavia, uma vez que tendes uma expectativa desfavorável da guerra, alegro-me da vossa franqueza, que alegais como pretexto. Pelo contrário, estaria preocupado se tivesse sabido que vocês, que são perversos, estavam fortes. Quanto aos vossos homens, não os utilizarei mais como aliados, mas como subordinados rebeldes. E vós por certo não ignorais que não é justo que partilhem da vitória obtida na guerra – caso aconteça – aqueles que, no que depender deles, nos atraíram na situação mais desesperante.

40.

Cizicenos a Bruto

O nosso zelo para contigo parecia comprovar-se não apenas pelos frequentes serviços que te prestámos, mas também pelo testemunho dos teus donativos. Se nem todos os eventos correspondem às intenções, por que razão necessitaríamos imputar à inimizade a fraqueza, na qual por vezes nos encontramos? Na realidade, importa, pelo contrário, atribuir à mesma grandeza de espírito a generosidade para com aqueles que prestam bons serviços e conceder perdão àqueles que se desculpam. Ora, disseste que estavas satisfeito com a nossa pobreza, como se de futuro tu não venhas a precisar de tanto quanto agora nos falta. Relativamente aos homens, quer tu desejes que sejam aliados ou servos (não fazemos questão de nomes), leva-os também. Por outro lado, se nós tivéssemos considerado vãs as tuas esperanças relativamente à guerra, não as teríamos reforçado com as embaixadas. Mas agora desejamos-te os maiores sucessos, por Zeus, e ficamos à sua espera. Mesmo se formos mantidos afastados das vantagens da vitória na qualidade de inimigos, ainda assim participaremos das alegrias enquanto amigos.

41.

Bruto aos Esmirnenses

O zelo dos subordinados, se for contínuo, demonstra muita lealdade para com os comandantes; todavia, se interrompido, incorre na acusação fundamentada de ter prestado os seus serviços mais por fraqueza própria do que por decisão espontânea, mesmo na altura em que agiu prontamente. Empenhai-vos então por cumprir todos os meus comandos respeitantes à guerra, pois, se agora parecerdes mal-intencionado em relação a nós, não tereis sequer o reconhecimento dos vossos anteriores méritos. De facto, não deve acreditar-se que terão recompensas iguais aqueles que não se mostraram sempre coerentes.

42.

Esmirnenses a Bruto

É desejável conseguir prestar continuamente serviço, mas é típico dos acontecimentos por vezes não se encontrarem à altura da situação. Por outro lado, não apenas a dificuldade económica dos súbditos a quem se destina o comando, mas também a ininterrupta sucessão das imposições torna a sua prestação imperfeita. Quanto a nós, se primeiramente tivéssemos prestado os nossos serviços por medo, agora não ousaríamos recusá-los. Porém, a situação apresenta-se ao contrário do que parece: de momento estamos empenhados por decisão voluntária. No presente, a nossa fraqueza escusa-se. É, portanto, injusto se os serviços prestados, por causa da suspensão, se tornarem suspeitos, ao passo que a descontinuidade por falta de meios não será compreendida, em virtude dos serviços já facultados.

43.

Bruto aos Mirenses

Os xântios cativos suplicaram a nossa misericórdia. Contudo, a meu ver, seria injusto que esses, após terem partilhado a esperança depositada na guerra, escapassem dos sofrimentos e, depois de procurarem o prazer da vitória, se servissem do pretexto da falibilidade humana comum para não assumir as dolorosas consequências da derrota. Assim, julgamo-los merecedores de aniquilação completa e advertimos também os outros que, caso não nos recebam de imediato, nenhum deles considerará que a nossa decisão será mais misericordiosa do que já foi no infortúnio daqueles.

44.

Mirenses a Bruto

Os Xântios não mereciam ficar sem obter a salvação que talvez também eles teriam concedido aos adversários, caso tivessem vencido. Pois tal como igual esperança de vencer anima os beligerantes, outrossim o sofrimento da derrota suscita a comiseração geral pelos sentimentos comuns de humanidade. E quanto ao resto, fica a saber que a bondade induz os outros para a benevolência. Como efeito, a ameaça causa de idêntico modo ódio entre amigos, pelo desespero que nasce do medo; contrariamente, a esperança, de igual forma, instiga os adversários a sentir confiança.

45.

Bruto aos Mirenses

O vosso auxílio veio quando nós já tínhamos vencido. Ora, haver chegado tarde é melhor do que não ter chegado; porém, relativamente à ajuda que deveríeis ter prestado na guerra, provastes ser igualmente inúteis. Pois na guerra a lentidão é tão inútil como o incumprimento.

46.

Mirenses a Bruto

Estamos felizes por teres vencido a guerra antes da chegada da nossa ajuda, embora tivesse sido enviada com solicitude; mas relativamente à benevolência, a nossa vinda não foi completamente inútil. Com efeito, estar pronto para outros serviços, ainda que se tenha aparecido tarde não é a mesma coisa que não se ter movido nada.

47.

Bruto aos Milésios

Não requer desculpa uma cidade carecer de meios, pois deveria há muito acautelar-se das dificuldades. Quanto ao facto de numa tão grande multidão afirmardes sequer possuir homens para lutar corajosamente, ficai a saber que isso não prova existir em vós falta de sorte, mas de uma política de sobrevivência. Se não estiverdes preparados de modo a assegurar a força nem treinados quando ao valor, sabeí que injustamente ostentais o nome de cidade.

48.

Milésios a Bruto

É vergonhoso ter falta de meios e de soldados, exceto, todavia, para aqueles que não enfrentam uma dificuldade interna, mas antes para os que, embora gozem de uma próspera situação interna, carecem, no entanto, de algo, pois o que possuem não é o suficiente para eles. Quanto a nós, seja pelas nossas decisões, seja pela sorte que tivemos até agora, julgamos ser uma cidade enquanto pudermos, embora não auxiliando os outros, pelo menos sem ter necessidade de ajuda das cidades vizinhas.

49.

Bruto aos Milésios

Se vós tendes armas em armazenamento público, fazeis mal não as usar, pois as armas possuem um único poder: utilizarem-se. Mas se também desconsiderais a sua produção, merecendo já ser culpabilizados se não lhes derdes uso quando as tendes, quão mais censuráveis sereis se nem mesmo as possuídes?

50.

Milésios a Bruto

As armas não são a força dos homens, mas os homens são a das armas: pois aquelas sem elesⁱⁱⁱ são inservíveis; eles, porém, não só conseguem prepará-las, como também usá-las. Portanto, as armas não podem faltar a quem tem capacidade de construí-las, mas, caso não existam, nem conseguem ser úteis para aqueles que, mesmo que as possuíssem, não sabem, todavia, usá-las.

ⁱⁱⁱEntenda-se os homens

51.

Bruto aos Tralianos

Se julgais não me prejudicar ao permitir que Dolabela acampe no vosso território, não estais a pensar bem. Mas se presumis que vos iremos conceder como sendo vossa propriedade aqueles sítios que tomarmos aos nossos inimigos, pareceis-me perfeitamente enganados. Então, ou impedis que aquele se estabeleça no vosso território, ou não alegueis estar a ser injustiçados da nossa parte, se preferirmos conservar para nós aqueles locais que tomarmos a Dolabela, em vez de cedê-los a vós.

52.

Tralianos a Bruto

Dolabela acampa no nosso território, e todo aquele que depois dele fizer uso de força, fique a saber que não terá aquele lugar como espólio de guerra. Pois se não expulsamos do nosso território um general dos Romanos, de quem somos aliados, por essa razão definitivamente declaramo-lo prémio de guerra também aos seus adversários. Mas a quem quer que deseje ocupá-lo com violência contra a nossa vontade mostraremos com factos que nem mesmo Dolabela acamparia ali sem nossa permissão.

53.

Bruto aos Tralianos

Escrevi-vos anteriormente que cometeis um erro ao permitir que Dolabela acampe no vosso território. Ficai agora cientes de que se lhe concederdes a propriedade, ficareis privados desses lugares que haveis cedido àquele alienando-os – não conseguireis fazer valer contra nós os vossos direitos sobre aqueles que quase vos pertenceram. Se lhe permitirdes, como a um amigo, acampar no vosso domínio, tereis já começado a dividir com ele a sorte da guerra e, por conseguinte, não nos parecereis inimigos involuntários.

54.

Tralianos a Bruto

Já anteriormente te informámos a respeito de Dolabela; agora fica a saber que nem está acampado em território próprio (na realidade terra nossa), nem se alguém tivesse intenções de reclamá-lo, lhe permitiríamos ocupá-lo contra a nossa vontade, porquanto estaria a ir contra o que nós permitimos. Mas se parecemos partilhar com aquele a sorte na guerra, é melhor entrar em conflito com os perpetradores da guerra do que revelarmo-nos aos Romanos, malgrado nosso, enquanto inimigos a capturar um aliado.

55.

Bruto aos Tralianos

Foi-me reportado que Menodoro, vosso cidadão, convidado e amigo do nosso desafeto Dolabela, já antes vos induziu a que não impedissem que aquele acampasse no vosso território, e agora aconselha que o recebeis juntamente com a sua tropa na cidade. Estou ciente de que Dolabela não ganhará nada, se vos deixardes guiar por Menodoro, ou se algum outro tiver sucesso em convencer-vos a fazer isto ou coisas ainda mais numerosas do que estas; e que a amizade por Dolabela e hospedagem não beneficiam em nada Menodoro. Por outro lado, não é com o objetivo de punir alguém que julgo estar atento aos erros de cada um. Portanto, para que não sejais forçados a cometer uma falta digna de punição, ordeno-vos que expulsem Menodoro da vossa terra para seu próprio bem, se de facto ele retirou alguma vantagem da venda da sua pátria. Quanto a Dolabela, ordeno que não o recebeis na vossa cidade e a expulsá-lo do vosso território; e se usar de força, que vos defendais com as armas. Caso não obedeçais, presumirei que não chegastes a essa decisão pressionados por Menodoro, mas vocês mesmos concedestes a Menodoro ocasião para tanto.

56.

Tralianos a Bruto

Não foi Menodoro que nos levou a receber Dolabela e o seu exército na cidade, tampouco anteriormente nos persuadiu a permitir que acampassem. Mas nem mesmo que Menodoro tivesse feito isso, pareceria, conforme julgamos, que fomos nós que lhe proporcionámos a oportunidade para um conselho tão apto: poderíamos de facto apelar à nossa aliança com os Romanos, antes de tu censurares as nossas relações de hospitalidade com Dolabela. E também se eles não tiraram nenhum proveito a partir do acordo, como afirmas, extraíram pelo menos um grande conforto disso: a boa consciência da confiança obtida. Por outro lado, a situação não requer armas nem exílio, pois Menodoro partiu juntamente com Dolabela, por Zeus, não por ter sido impedido de vender a pátria, mas porque não considerava um delito prestar o auxílio necessário a um amigo. Tu, porém, se julgas belo – como na realidade é –, não adiar a atribuição do castigo a quem cometeu um erro, acredita muito mais que não deves precipitar-te a dar ouvidos a calúnias, mas reservar o julgamento para factos ocorridos, pois poderá parecer que te comportas de maneira hostil, não devido a essas falhas que censuras aos aliados, mas atribuis a responsabilidade àqueles por quem manifestas inimizade.

57.

Bruto aos Tralianos

Envia-me todo o dinheiro e quaisquer outros bens que Dolabela deixou com o seu hóspede Menodoro, recuperando-os dos seus filhos, que tomaram posse do património dele após a sua fuga. Se afirmais que não há nada, mandai-me os próprios homens com os filhos e as mulheres. Não é justo que os amigos e os hóspedes dos meus inimigos, ao não sofrerem nenhum castigo, beneficiem também da nossa clemência.

58.

Tralianos a Bruto

Nem é verosímil que Dolabela, nos períodos mais dispendiosos da guerra, tenha acumulado bens, nem que Menodoro, afastando-se da pátria, deixasse em sua casa os recursos para a fuga. Quanto a enviar-vos ou riquezas que não existem ou homens inocentes, a primeira coisa é impossível; a segunda, injusta. Com efeito, não é digno que os nossos amigos, por causa dos teus inimigos, fiquem arruinados em extremo pela traição que cometeríamos se te déssemos ouvidos.

59.

Bruto aos Bitínios

Que ninguém julgue que a nossa atitude é extorsiva, se impomos muitos tributos, uma vez que estamos necessitados de bastantes fundos: em troca, apresentamos feitos. Se o grande número de tributações constitui para vós um pesado fardo, é necessário que vos lembreis da quantidade de diligências que deve ser apoiada por nós com o dinheiro que dais. É perfeitamente óbvio que alguém que usa os equipamentos de guerra enfrenta maiores esforços do que quem os faculta; e mais ainda, que cada um de vós tem de preocupar-se apenas consigo mesmo, enquanto que eu tenho de cuidar de todos.

60.

Bitínios a Bruto

Certamente não se verifica termos fornecido todos esses bens de que precisas. De outra forma, com quantos esforços se angariam os fundos, podes deduzi-lo a partir das diligências que tu mesmo deves aplicar para despendê-los. Na realidade, pagar contribuições em benefício de outros não é apenas oneroso, mas também inútil, enquanto que usar os fundos adquiridos por outros não só é vantajoso, mas também fácil. Então, se dizes que te sacrificas pelos outros, deves outrossim impor contribuições a mais do que a uma cidade. Pois nós, que apenas zelamos por cuidados próprios, certamente não conseguiríamos pagar impostos para todos.

61.

Bruto a Bitínios

Enviei até vós o meu amigo Áquila, encarregado de construir-me cinquenta navios mercantes e duzentos de guerra, uma vez que ouço que vós entregastes outros tantos a Dolabela. Portanto, fareis bem em facultar a Áquila marinheiros e remadores para esses navios, até que me sejam entregues, bem como um aprovisionamento de quatro meses para aqueles. Quanto à madeira necessária para a construção dos navios, o seu transporte até ao mar e os trabalhadores, estou certo de que vós não sereis negligentes, já que também não falhastes em nada como Dolabela.

62.

Bitínios a Bruto

Se Dolabela, com violência, impediu que te apossasses de algo, isso não significa que também não tenha deixado oportunidade de obter a mesma coisa. Portanto, se não pudemos entregar aqueles mais de cento e cinquenta navios, embora tivéssemos sido constringidos pela força, como poderemos, na dificuldade a que nos encontramos reduzidos, facultar-te outros tantos navios e sobretudo com remadores, madeiras e trabalhadores? Providenciar este material ainda que uma só vez já é difícil. Oferecê-lo duas vezes é impossível. Quanto aos aprovisionamentos, nem mesmo Dolabela os requereu, pois, mesmo que ele os tivesse ordenado, não poderíamos fornecer. Então, desculpa por nos termos negado a ti, enquanto que àquele não pudemos dizer que não.

63.

Bruto a Bitínios

Áquila escreveu-me que revelastes uma grande negligência na preparação dos navios. Eu, todavia, repreendi-o veementemente pela sua indulgência, crendo que eu precisava de cartas a culpar-vos, as quais ele não deixa de enviar-me em todas as oportunidades, mais do que de navios, mesmo que por isso devêsseis enviar embaixadas contra ele. Não é possível que os navios sejam preparados sem aquelas^{iv}. Contudo, gostaria de lembrar-vos para se aliarem a nós agora e de futuro, voluntariamente e não constringidos pela força, quer nas presentes circunstâncias, quer em todas as outras, porquanto a partir das atuais é fácil deduzir a respeito daquelas.

^{iv}Entendam se 'cartas'.

64.

Bitínios a Bruto

Áquila parece mais acusador da nossa negligência do que testemunha da nossa fraqueza. Se nos tivesse considerado verdadeiramente inertes, não se limitaria

a escrever-te cartas sobre a nossa negligência, quando poderia vencê-la com a força, tanto mais que nós não temos intenções de mandar embaixadores ao mandante contra o mandatário. Agora Áquila reconhece a impotência da nossa indignação. Tu, porém, acreditando que estás a remediar as nossas dificuldades com ameaças, zangas-te injusta e inutilmente. Nem a esperança nem o medo são responsáveis por providenciar meios, mas a capacidade.

65.

Bruto a Bitínios

Aqueles que nos auxiliam contra a sua vontade não ganham aqueles bens que não desejam facultar (por certo isso seria do seu agrado), mas perdem a gratidão que lhes deveríamos por esses serviços. Como tal, prepararai os navios, conforme vos ordenei, com os remadores e o aprovisionamento devido, ou sereis forçados não a lamentar-vos por estas contribuições, mas a ficardes gratos por aquilo que vos deixamos.

66.

Bitínios a Bruto

Aqueles que empregam violência contra os que não conseguem oferecer, não beneficiam das suas imposições (seria agradável se a necessidade não existisse, mesmo que à custa de ameaças), mas são punidos com a reputação de homens pouco complacentes. Diante da falta de recursos, cedem à necessidade, ainda que não tenham manifestado compreensão humana pela pobreza. Quando a nós, mesmo que estivéssemos em condições de dar, entregaríamos acima das nossas forças, em vez de recusar. Já tu, se julgas conseguir obter com a força mais do que nós, fica certo de que terás a nossa gratidão, não por aquilo que vais deixar, mas pelo que poderás aproveitar.

67.

Bruto a Bitínios

Possuo todas as embarcações de que necessitava no mar – facultaram-mas os Macedónios, os Lésbios e os Fenícios. Uma vez que vos atrasastes pela súbita ocorrência de tempestades, reuni quatrocentos talentos para pagar a tripulação. Com efeito, julgo que a tempestade não teve nada a ver com isto, mas que será um impedimento para vós, se assim o desejardes.

68.

Bitínios a Bruto

A tempestade impediu o envio da nossa ajuda naval; o armamento naval dissolveu as nossas riquezas – a consequência é que estamos sujeitos a um fardo pesado,

se não por ti, certamente por nós. E porque a tua necessidade foi satisfeita por outros, pedimos desculpa: estamos lentos por causa do acaso, temos problemas por causa das despesas. Não está em nosso poder transformar os navios em dinheiro como transformámos o dinheiro em navios.

69.

Bruto a Sâmios

Sois negligentes nas deliberações, lentos a facultar – considerai qual a consequência de tudo isso.

70.

Sâmios a Bruto

Deliberar sem pressa é prudência, dar tarde é pobreza. Uma só é a consequência de tudo isso: o perdão.

Referências

- ACHELIS, T. Erasmus Über Die Griechischen Briefe Des Brutus. *RhM*, v. 72, p. 633-638, 1917-1918.
- ADAMS, J.; JANSE, M.; SWAIN, S. *Bilingualism in ancient society: language contact and the written text*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- ALLEN, P.; ALLEN, H. (ed.). *Opus epistolarum Des. Erasmi Roterdami*. Oxford: Oxford University Press, 1922.
- BENTLEY, R. *A Dissertation upon the Epistles of Phalaris, Themistocles, Socrates, Euripides, and the Fables of Aesop*. London: J. Leake for Peter Buck, 1883.
- BRANDÃO, J.; OLIVEIRA, F. de (coord.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.
- CALHOUN, R. The Letter of Mithridates: A Neglected Item of Ancient Epistolary Theory. In: FREY, J. (ed.). *Pseudepigraphie und Verfasserfiktion in frühchristlichen Briefen*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009. p. 295-330.
- CARVALHO, D. *ERASMUS ADAGES 2001-3000*. Paris: Belles Lettres, Le Grac J-C Saladin Editeur, 2013. t. III.
- CICHORIUS, C. Die griechischen Brutusbriefe und ihre Verfasser. In: CICHORIUS, C. *Romische Studien*. Leipzig: Teubner, 1922. p. 434-438.
- COLUMBA, G. Bruto. *Enciclopedia italiana di scienze, lettere ed arti*, v. VII, p. 993-995, 1949.
- FILBEY, E. Concerning the Oratory of Brutus. *CPh*, v. 6, n. 3, p. 325-333, 1911.
- GELZER, M. M. Iunius Brutus 53. *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, v. 10, p. 973-1020, 1917.
- GOUKOWSKY, P. Les lettres grecques de Brutus: documents authentiques ou forgeries? In: BARRANDON, N.; KIRBHILER, F. (ed.). *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2011. p. 273-290.
- HARDT, I. *Catalogus Codicum Manuscriptorum Graecorum Bibliothecae Regiae Bavaricae, T. V. Monachii: Typis I. E. Seidelii Solisbacensis*, 1812.
- HEPDING, H. Mithridates von Pergamon. *MAGSi* v. 34, p. 329-340, 1909.
- HØJTE, J. (ed.). *Mithridates VI and the Pontic Kingdom*. Aarhus: Aarhus University Press, 2009.
- JONES, C. The Greek Letters Ascribed to Brutus. *HSPH*, v. 108, p. 195-244, 2015.
- KAIMIO, J. *The Romans and the Greek Language*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica, 1979.
- KIRBIHLER, F. Brutus et Cassius et les impositions, spoliations et confiscations en Asie Mineure durant les guerres civiles (44–42 a.C.). In: FERRIÈS, M. (ed.), *Spolier et confisquer dans les mondes grec et romain*. Chambéry: Université de Savoie, 2013. p. 345-346.

- LENNARTZ, K.; MARTÍNEZ, J. (ed.). *Tenuē Est Mendacium: Rethinking fakes and authorship in classical, late antique, & early christian works*. Groningen: Barkhuis, 2021.
- LEVI, M. *Ottaviano capoparte I*. Florence: La Nuova Italia, 1933.
- MALHERBE, A. *Ancient epistolary theorists*. Atlanta: Scholars Press, 1988.
- MARCKS, J. *Symbola critica ad epistolographos Graecos*. Bonn, 1883.
- MARQUIS, É. La Lettre de Mithridate et les Lettres de Brutus: comment lire la fiction épistolaire? In: CARIOU, M.; MARQUIS, É. Ἀντιγράψαι τῆ γραφῆ. Mélanges de littérature antique en l'honneur d'Alain Billault, CEROR: Lyon, 2020. p. 201-217.
- MARTÍNEZ, J. Pseudepigraphy. In: MCGILL, S.; WATTS, E. (ed.). *A Companion to Late Antique Literature*. Oxford: Wiley Blackwell, 2018. p. 401-415.
- MEYER, E. *Caesars Monarchie und das Principat des Pompeius*. Stuttgart; Berlin: J.G. Cottasche Buchhandlung Nachfolger, 1922.
- MOLES, J. Plutarch, Brutus and Brutus' Greek and Latin Letters. In: MOSSMAN, J. (ed.). *Plutarch and his Intellectual World*. London: Duckworth, 1997. p. 141-168.
- PETER, H. *Der Brief in der römischen Litteratur, Litteraturgeschichtliche. Untersuchungen und Zusammenfassungen*. Leipzig: B.G. Teubner, 1901.
- RAWSON, E. Cassius and Brutus: The Memory of the Liberators. In: MOXON, I.; SMART, J.; WOODMAN, A. (ed.). *Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 101-119.
- RÜHL, F. Die Griechischen Briefe des Brutus. *RhM*, v. 70, p. 315-325, 1915.
- SAPRYKIN, S. Mithridates of Pergamum – a Known and Unknown Ruler. *Vestnik drevnei istorii*, v. 79, n. 2, p. 280-306, 2019.
- SMITH, R. The Greek Letters of M. Junius Brutus. *CQ*, v. 30, n. 3-4, p. 194-203, 1936.
- SUSEMIHL, F. *Geschichte der griechischen Literatur in der Alexandrinerzeit von Susemihl*. v. II. Leipzig: B.G. Teubner, 1892.
- TEMPEST, K. *Brutus: The Noble Conspirator*. New Haven: Yale University Press, 2017.
- TORRACA, L. (ed.). *Epistole greche*. Naples: Libreria Scientifica Editrice, 1959.
- WALTER, G. *Brutus et la Fin de la République*. Paris: Payot, 1938.
- WESTERMANN, A. *De Epistolarum Scriptoribus Graecis. Commentationis*. Pt. IV. Lipsiae: Litteris Staritzii, Typogr. Universit., 1851.